

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANCEIRO

ASSIGNATURA

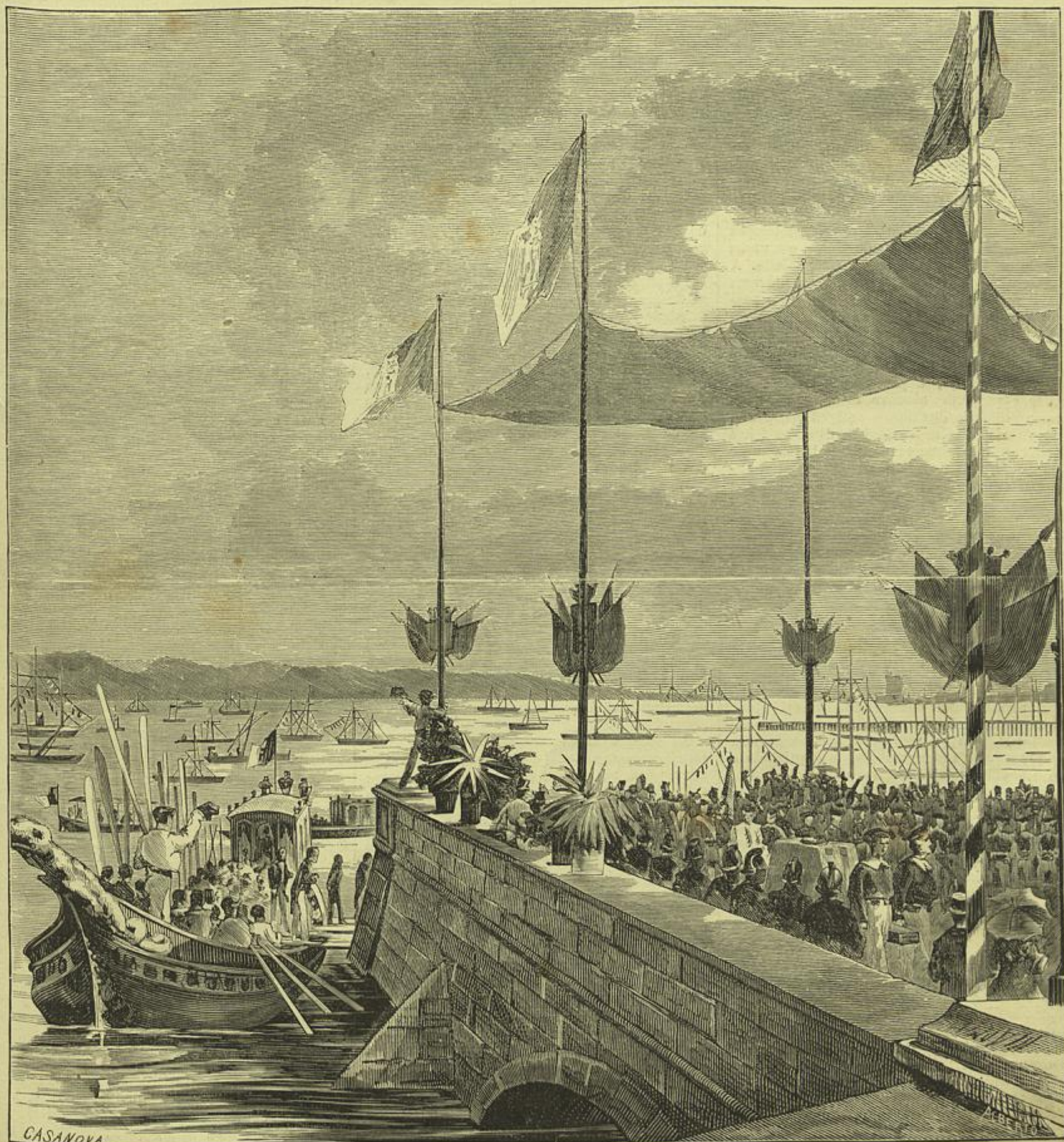
Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte
Anno ou 24 numeros 2\$600 | Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros 1\$300 | N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 3\$000 | Semestre ou 12 numeros 1\$500

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 60

15 DE JUNHO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



TRASLADAÇÃO DOS RESTOS DE CAMÕES E VASCO DA GAMA — DESEMBARQUE EM BELEM NO DIA 3 DE JUNHO DE 1860 (Desenho do natural por Casanova)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Vasco da Gama, BRITO REBELLO — Trasladação dos restos de D. Vasco da Gama, J. B. — Duque de Caxias, PINHEIRO CHAGAS — Thackeray em Lisboa, ALBERTO TELLES — Bibliographia — De Buenos Ayres á Pampa, F. D'ALMEIDA.

GRAVURAS. — Trasladação dos restos de Camões e de D. Vasco da Gama, desembarque em Belem — Vasco da Gama — Igreja de Nossa Senhora das Relíquias — Capella-mór da igreja de Nossa Senhora das Relíquias — S. Raphael, imagem pertencente ao navio S. Raphael que fez a primeira viagem á Índia — Duque de Caxias — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A trasladação dos restos de Vasco da Gama e de Camões, pelo Tejo, no longo trajecto do outro lado do rio até Belem, foi um espectáculo épico.

É ocioso descrever-o por que todo o Portugal, segundo penso, assistiu a elle; e se não assistiu, é bom que o não advinhe se quer, para não morrer de raiva, desesperado pela impossibilidade de tornar a gosar outro semelhante pois que a triste verdade é a seguinte: Os Vascos da Gama e os Camões não se improvisam com facilidade, e sepultados uma vez definitivamente, é difficil achar um pretexto para os passejar de novo em triumpho!

Nós quasi que devemos agradecer ao passado a sua ingratição por que foi a esta providencial ingratição que Portugal deve, nos tempos modernos, o seu maior dia de gloria, e a nossa geração a sua victoria mais assignalada. A tres seculos de esquecimento corresponderam tres bellos dias de apothose. Ah! se o passado tivesse sido justo nem ao menos nos seriam dados tres dias para deixarmos de ser pequenos!...

N'aquella grande multidão accumulada á margem do Tejo, a passagem d'aquella immensa esquadilha evocava, de certo, nos espiritos a memoria das nossas antigas grandezas, a recordação dos nossos extraordinarios feitos maritimos e o povo recebia um baptismo de ideal de que tanto necessitava, compenetrando-se d'um sentimento de dignidade incapaz de lhe ser transmittida pelos processos ordinarios de que vulgarmente se servem os governos constituídos.

E o grande cortejo civico permanecerá por longos annos na memoria popular. Viu-se pela vez primeira nos tempos modernos, entre nós uma grande procissão, d'um comprimento descomunal, sair do Terreiro do Paço á hora prefixa, caminhar por entre o respeito publico saudada por uma população inteira, offegante e commovida, e todavia essa procissão não levava as basilicas da Sé, não levava capellães cantores, não marchava entre alas de soldados: era uma procissão em que o idolo era o povo glorificado pelo proprio povo, recebendo pela vez primeira a sua apothose, e adquirindo a noção pacifica, a que muitos chamam revolucionaria, de que elle é rei, e de que em vez de marchar com uma cana verde na mão pode, quando tenha a consciencia do seu direito e da sua força, marchar antes com um sceptro.

— Na procissão civica não se manifestou só uma grande tendencia de renascimento e um grande symptoma de vitalidade latente: manifestaram-se bellas disposições artisticas, excellentes dedicações individuaes. O povo pode não ter ficado ainda muito certo de quem seja Camões, entretanto no seu espirito entrou a noção nova de que o trabalho moderno tem uns idolos tão dignos de respeito, pelo menos, como os dos velhas dogmas, e sobretudo muito mais comprehensíveis — e em muito melhor estado de conservação. Sob este ponto de vista a procissão civica é um dos factos mais profundamente revolucionarios que em Portugal se tem realisado.

Via-se que a curiosidade publica era muito

mais digna e mais concentrada quando passava, por exemplo, o carro da *Arte* sobrepujado pela aerea e elegante estatueta do Genio moldada por Simões d'Almeida, do que se por ventura passasse o cortejo de S. Jorge com o seu pagemsinho tremelicando em cima do seu cavallinho branco.

Os olhos do povo compraziam-se evidentemente n'este espectáculo singular, inteiramente novo para elle, coitado, que nunca vira nada com que as suas vistas se deliciassem sem que o obrigassem a ajoelhar e a tirar o chapéu.

O carro das *Colonias*, desenhado por Columbano Bordallo Pinheiro, era d'um risco elegante, perfeitamente bem caracterizado com a sua vistosa cobertura formada por uma colxa da India, os seus tropheus d'armas africanas e asiaticas, os seus idolos selvagens d'umas attitudes estranhas e extravagantes, d'um pitoresco picante e original, imprimindo caracter ao cortejo.

O carro da *agricultura*, d'uma simplicidade elegantissima, d'um aspecto campesino e agrario verdadeiramente encantador. O carro *militar*, um bastião severo e imponente traçado por Silva Porto, o eminente paisagista. Era, por assim dizer, o carro das glorias da nossa velha cavallaria. Marchava pesado e sereno, vergando ao peso d'aquellas possantes armaduras como se estivesse acostumado a rodar entre os ruidos da apothose.

O carro do *Commercio e Industria* delineado pelo artista decorador José Maria Pereira, era espectacular, pesado de ornamentação, mas revestido do ar triumphal exigido pelas circumstancias. Parecia na verdade mais opulento do que a nossa industria e nosso commercio, mas por isso mesmo, ao mesmo tempo que era um carro, podia ser tambem uma aspiração.

Finalmente o carro da *Imprensa* do intelligente architecto José Luiz Monteiro, com a sobriedade do seu desenho, a elegancia das suas linhas e simplicidade dos seus ornatos, era um dos tropheos mais elegantes da procissão civica. Na frente d'elle, como n'um sóco d'um andor, erguia-se altiva a estatua de Gutemberg, um *santo* que ainda não figura no calendario mas que o espirito moderno, pelos seus processos, ha de um dia canonisar.

— Prevaleceu a opinião *guerreira* dos soldados não irem com ramos na boca das espingardas. Nem foram os ramos nem foram elles, o que não foi, na verdade, peor. Ficámos assim com o exercito intacto para as batalhas, vendo esconjurado o germen da indisciplina que a commissão da Imprensa intentava lançar nas fileiras por intermedio da verdura.

O exercito é uma coisa seria e a commissão da imprensa parece que pretendia brincar com elle, instigando-o a lançar flores junto da estatua de Camões. O governo não o *prestou* para esse brinqueado e fez muito bem. Mais d'um general crestado pelo fumo... do candieiro havia de meter o ferro na bainha... do lenço, protestando contra uma manifestação tão pouco guerreira.

As festas do Centenario ainda que não tivessem outras vantagens e representassem outras afirmações, afirmavam pelo menos o seguinte: a inutilidade dos poderes constituídos em face da iniciativa particular. Pode affoitamente sustentar-se que se o grande cortejo civico do dia 10 de junho fosse organizado pelo estado, o estado, á maneira do que lhe succede com o *estado* de S. Jorge, ainda a estas horas andaria embrulhado com elle por essas ruas, perguntando aos moradores da rua Augusta se davam noticia do carro da *Industria* e deixando extraviar completamente o carro das *Colonias* — como lhe está succedendo com as proprias colonias.

Portugal, á parte o louro nos canos das espingardas, viu pela vez primeira um programma cumprido á risca: um programma que muitos suppunham mais inexequível do que a maior parte dos programmas governamentais; um programma *fantasista* como os homens *cordatos* lhe chamavam. Temia-se o ridiculo e houve lagrimas de comoção; receiavam-se os motejos dos estranhos e toda a Europa está fallando d'elle com admiração!

Depois, no seio das familias, corria o boato sinistro d'uma revolta sanguinaria! Receiava-se que os radicaes portuguezes se aproveitassem do ensejo de estar armada a tribuna no Terreiro do Paço para proclamarem d'ali a republica. No recinto da praça, como medida preventiva, além da força em armas, chegou-se mesmo a supprimir uma bandeira levada por uma corporação de trabalhadores, bandeira que patentearia aos olhos da cidade absorta o distico subversivo: — *Não mais deveres sem direitos, não mais direito: sem deveres!*

Parece impossivel que haja almas perversas que inscrevam tão odioso lema n'um estandarte, podendo, por exemplo, inscrever-lhe este, muito mais do agrado das donzellas e dos governadores civis;

*Ai, adeus acabaram-se os dias
Em que triste vivi a teu lado!...*

— Nas sallas da sociedade de Geographia a exposição Camoneana, que parecia uma das mais bonitas utopias do programma, teve uma realisação pratica na verdade notavel. Veem-se ali edições luxuosas e aprimoradas como as que sahem das modernas officinas francezas: folhetos, medalhas, quadros, livros, bustos, e se não se manifestam grandes arrojios artisticos, revelam-se pelo menos indicios d'uma força productora digna de respeito.

Devemos por isso perdoar ao tricentenario que elle fosse pretexto para as pequeninas industrias de occasião se patentearem n'uma serie de manifestações pitorescas, desde o comestivel até ao estofo.

A estatura do grande epico não diminue na immortalidade pela circumstancia dos confeiteiros o porem em ovos nas vitrines, ou pelo facto de, gravada em lenço, nos servir para as constipações depois de nos servir para a gloria.

A geração actual pagou uma divida de tres seculos com a moeda da sinceridade e da dedicacão, e pode desde hoje affirmar-se que uma divida de tal natureza ainda nenhum povo a pagou mais dignamente e com melhor vontade.

Para a direcção dos festejos ser em tudo acertada bastou unicamente uma coisa; — que não se mettessem n'ella as *classes directoras*.

GUILHERME D'AZEVEDO.

VASCO DA GAMA

São 20 de dezembro de 1497. A pequena expedição, que el-rei D. Manoel enviava a descobrir a carreira da India, dobrára a 22 de novembro o famoso Cabo das Tormentas. Bartholomeu Dias, que primeiro o reconheceu, sem o ver, assim o appellidára, pelos tempos contrarios que ahi o acossaram, nome que o genio previdente de D. João II lhe trocou pelo que hoje ainda tem de Cabo da Boa Esperança.

Haviam-se reparado os navios, provido de aguada e carnagem; tinham visto o ilheu da Cruz, os ilheus Chãos, saudado o ultimo padrao que Bartholomeu Dias erguera, passado o rio do Infante, ultimo ponto descoberto por este ousado nauta. O vento porém, que lhes fôra favoravel, havia escasseado e seguiam ao norte por mares desconhecidos; as correntes eram fortes, e quando veiu a manhã navegaram á terra, e acharam-se de novo á vista dos ilheos Chãos, sessenta leguas á ré do ultimo ponto onde haviam chegado.

Um momento amedronta os nautas, a maior parte porém são homens experimentados, cubiçosos de honra e fama. Vasco da Gama á amurada, a mão no porta-voz, olhando ora as vagas que parece repellirem as ousadas prôas, ora as duas caravellas que ao largo seguem o seu rumo, aproveitando o vento que lhe refresca pela pôpa, manda fazerem-se ao mar, e ora na volta do mar, ora na volta da terra, vence a final as correntes, e a 23, dia de Natal, havia já descoberto setenta leguas da costa.

Concertada uma pequena avaria tomado al-

gum pescado, eil-os que tornam a disferir as vellas ao sol posto do dia 28. Correndo pelo mar muito difficil n'aquellas paragens, já faltos d'agua, assim andou a expedição treze dias ao fim dos quaes, a 10 de janeiro de 1498, houve vista de um rio, onde a gente da terra os refrescou de mantimentos, e por isso a chamaram Terra da Boa Gente.

Foi aquelle o momento mais solemne da expedição, por isso que ao deixar os ultimos pontos conhecidos, logo encontravam tão desconversavel o mar, que parecia querer impedir-lhes a sua ousada marcha.

E ora vencidos pelas correntes, ora favorecidos do vento; ora atraçoados e embaídos por uns potentados, ora agasalhados e favorecidos por outros; ora perdida a esperança de que algum pratico lhes guie as prós pelo novo oceano que vão sulcar, ora confiados no piloto que um rei benigno lhes dá, abrem caminho pelas novas e desconhecidas vagas, e abicam a Calcut, onde, palpitantes de satisfação, de espanto e de alegria, ouvem pela primeira vez fallar-lhes n'uma lingua um pouco semelhante á sua, depois de dez mezes de navegação perigosa, n'um tempo ainda de atrazados e pouco precisos elementos da sciencia nautica.

Quando, passado o anno de 1499, a nova do descobrimento chegou a Portugal causou grande alvoroço. Foi communicada a todas as cidades e villas, e celebrada como uma maravilha.

Vasco da Gama passou a ser um dos homens mais prestantes do mundo; o seu feito audaz e ao mesmo tempo friamente executado, vinculou-se á sciencia, não só por um sem numero de descobrimentos importantes, mas principalmente pelas vantagens que a humanidade com elle recebeu.

Vasco da Gama, o filho de Sines, cujas praias talvez na meninice lhe fizesssem doidejar na imaginação sonhos de gloria, via-se agora galardoado condignamente. O tratamento de Dom, para elle, seus irmãos e descendentes, o titulo de conde da Vidigueira, o de almirante do mar das Indias, o poder mandar vir em todas as armadas duzentos cruzados de fazenda, com feitor seu; a concessão de poder tomar o commando de qualquer armada que para a India partisse, alem das tenças e privilegios que convertidas ás moedas de hoje pareceriam a espiritos tacanhos uma exorbitancia, tudo coroou a sua ousadia e coragem, fazendo uma das excepções ao uso de Portugal, de pagar mal aos seus mais distinctos servidores. Havia o grande almirante nascido nove annos depois da morte do infante D. Henrique, segundo se afirma, fora educado convenientemente, como o era n'esse tempo quasi toda a nobreza de Portugal, para as armas e navegações. Designado ainda por D. João II para esta empreza, que planeára, e deixara preparada; presidiu com Bartholomeu Dias, que fora encarregado de dirigir a construcção dos navios, aos aprestes da armada que havia de commandar e partiu em fim de Lisboa a 8 de julho de 1497 para a famosa viagem, que tanto ia influir na civilisação do mundo e prejudicar o verdadeiro desenvolvimento da nação.

São de todos conhecidas as peripecias d'essa navegação, verdadeiramente aventurosa do rio do Infante em diante. Os resultados d'esse grande feito são tambem conhecidos.

Depois de Pedro Alvares Cabral, o primeiro que em seguida a Vasco da Gama foi á India, partiu para alli de novo o grande almirante em 1502, e regressado ao reino descansou das fadigas honrado e respeitado, não se aproveitando nunca da faculdade com que o havia honrado o rei, de poder tomar a Capitania mór de qualquer armada que partisse para a India, caso em que se não nomearia outro capitão mór. Esta mercê parece-nos não ter sido ainda por ninguem mencionada.

Em 1524, porem, achando-se os negocios da India bastante baralhados, julgou D. João III conveniente acudir-lhe com homem de grande vulto, e por isso para alli partiu de novo Vasco da Gama, nomeado Viso rei, com poderes taes, como a nenhum outro ainda se haviam conferido.

Ao aproximar-se a armada das costas do Malabar, com tempo sereno, sentiu-se um grande tremor no mar, que se repetiu durante cerca de uma hora, enchendo a armada de terror e espanto. Vasco da Gama vendo todos aterrados, desannuviou-os com a sua presença serena, dizendo-lhes a sorrir: — «Não tenhaes medo, é o mar que treme de nós.»

Poucos mezes gozou a India dos beneficios que de tal varão deviam esperar-se. Tendo apenas encetado o seu governo por uma serie de medidas energicas, e em que patenteava o seu austero e imperturbavel caracter, falleceu em Cochim a 23 de dezembro de 1525. Parecia que o destino levára o grande homem a dormir o seu ultimo somno, nas plagas onde elle guiara a primeira vella europêa, e que deram ao seu nome a immortalidade e a gloria.

Em seu testamento determinara ser enterado na Villa da Vidigueira, para onde foi transportado, e d'alli foram trasladados seus restos com a pompa devida no dia 8 do corrente para a igreja de Santa Maria de Belem.

Com mais propriedade se podêra ter escolhido o dia 8 de julho para tão solemne transladação, que desejáramos ter visto singular e exclusiva.

O illustre navegante teve descendentes mais ou menos notaveis, sendo o seu 3.º neto o primeiro marquez de Niza.

O ultimo varão, seu descendente directo, o 3.º marquez, falleceu em 1735, deixando apenas uma filha unica, que foi a 4.ª marquez de Niza. N'ella se extinguiu a linha directa do grande almirante, passando, pelo segundo casamento d'esta senhora, a varonia á casa de Unhão. Como porem o seu filho e do conde de Unhão, que foi o 6.º marquez de Niza, deixasse tambem só uma filha, que foi a 6.ª marquez, e esta casasse com seu tio, filho do 1.º Marquez de Ponte de Lima, e irmão de sua mãe, quebrou-se n'ella segunda vez a varonia passando a Limas. Era pois o ultimo marquez de Niza, e é o actual sr. Conde da Vidigueira seus collateraes remotos, e apenas representantes do grande almirante pelo titulo.

Assim mais expontaneas e grandiosas são as apotheeses dos grandes varões que illustraram o nome portuguez.

Um povo que assim paga estas sagradas dividas de honra, torna-se digno do nome que conquistou na historia do mundo.

BRITO REBELLO.

TRASLADAÇÃO DOS RESTOS

DE D. VASCO DA GAMA

Os restos mortaes de Vasco da Gama, foram transportados de Cochim a Portugal, levados para a villa da Vidigueira, segundo a sua disposição testamentaria.

Alli foram depositados na igreja de Nossa Senhora das Reliquias, do padroado de sua casa, e concluida a 8 de setembro de 1593. As gravuras representando o interior e exterior d'esta igreja foram-nos a descrever.

Jazia o grande almirante na capella-mór do lado da epistola, em uma sepultura onde se lia a seguinte inscripção:

A QVIAZ O GRAND ARGONAVTA DOM
VASCO DA GAMA PR. CONDE DA VI
DIGVEIRA ALMIRANTE DAS INDIAS
ORIETAIS E SEV FAMOZO DESCOBRID
OR

Perto d'ella estão os restos de seu filho D. Estevam da Gama, fallecido em 1575, cujos servios são conhecidos; de D. Guiomar de Vilhena, mulher do segundo conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, e os de seu filho D. Miguel da Gama, principal fundador da igreja.

Ao lado do Evangelho jaz D. Francisco da Gama, 4.º conde da Vidigueira, e outros membros da familia como D. Vasco filho de D. Francisco da Gama e de sua 1.ª mulher D. Maria de Vilhena; D. Leonor Coutinho de Tavora; D. Maria Mascarenhas, filha de D. Francisco da Gama e de D. Brites de Mascarenhas, foi sepultada junto ao jazigo de D. Vasco.

Ao meio da capella-mór, n'uma sepultura de fino mármore, onde avulta em relevo as armas da familia jaz o 1.º marquez de Niza e 5.º conde da Vidigueira D. Vasco da Gama, que além de muitos cargos importantes, foi embaixador em França, onde prestou importantes servios durante a guerra da independencia. No mesmo jazigo repousa seu filho D. João da Gama e D. Francisco Luiz da Gama 2.º marquez de Niza.

É portanto na capella-mór d'aquella igreja um vasto jazigo de tão illustre familia, em cuja companhia estava por sua disposição e dever o grande almirante, e onde nos parece se lhe devera erguer tumulo grandioso, respeitando a sua ultima vontade.

Ha ainda na igreja muitas outras sepulturas que não podemos descrever, mencionando apenas, na capella de Nossa Senhora da Conceição, que fica ao lado esquerdo, a do padre André Coutinho, 1.º sacerdote que foi ordenado na China.

D'esta villa foram transportados no dia 8 do corrente, com as formalidades marcadas no programma publicado no *Diario do Governo*, os despojos do grande almirante até á estação do Barreiro, passando d'ahi para bordo da corveta *Mindello*. Pela mesma occasião foi transportado um grupo de 60 a 70 centímetros de alto que representa o archanjo S. Raphael (*veja-se a gravura respectiva*), escultura que, segundo a tradicção ornava a pópa do navio d'aquelle nome, que na primeira viagem á India foi commandado por Paulo da Gama. Este vaso foi, á volta queimado nos baixos de S. Raphael, proximo a Mombaça, por já não poderem navegar os tres navios da expedição, com tão pouca gente como a que restava, havendo já fallecido pelo menos 60 homens. O auctor do roteiro da 1.ª viagem de Vasco da Gama, mencionando estas circumstancias e a de terem então passado o fato d'aquelles navios aos outros dois, nenhuma menção faz da remoção e conservação da imagem, o que, a ter succedido, parece elle não teria deixado de referir.

O esquecimento d'esta imagem na estação do Barreiro, fez demorar um pouco o cortejo em quanto se foi buscar e se recolheu a bordo da *Mindello*.

O aspecto que apresentava o Tejo n'essa occasião era deslumbrante. Um dia esplendido, o sol dardejando sobre as aguas torrentes de uma luz brilhante e ardente, cujos queimores eram mitigados por uma brisa fagueira; as embarcações embandeiradas, desfaldando ao vento uma infinidade de vellas ou agitando seus remos compassados; as musicas derramando nos ares as suas harmonias; as cobertas de todos os navios apinhadas de centenaes de individuos entusiastas; as praias de um e outro lado, os altos, os terraços, as janellas que dominam o nosso quasi lagamar coroadas de espectadores palpitando de emoção, tudo conglorava um quadro, difficil de descrever. Chegando ao arsenal da marinha, passaram os restos do grande almirante para uma galeota real, incorporando-se ali, em outra galeota, os pretendidos restos de Luiz de Camões, e depois de feitas as ceremonias do estylo, seguiu o prestito marítimo para Belem.

A riqueza e belleza das galeotas, e o pittoresco de seus remadores foi assumpto de muito folgar, para aquelles que ainda não tinham visto esses bellos restos de nosso esplendor e até para os que já os tem gosado.

Chegado o prestito a Belem, desembarcaram os despojos mortaes dos dois grandes homens na vasta praça de D. Fernando (*veja-se a gravura respectiva*), seguindo para o magestoso templo, que D. Manoel erguera em commemoração do ousado commettimento. Alli esperava o el-rei e a familia real.

Feitos os officios religiosos, prestadas as devidas honras funebres pelas forças de terra e mar, ficaram aquellas preciosas reliquias na capella antigamente denominada do presepio (*veja-se o supplemento ao n.º 59 d'este periodico*) e hoje de S. Raphael, onde tambem ficou a já mencionada reliquia archeologica do mesmo archanjo.

Ainda que dissintamos d'algumas partes d'estes festojos, não podemos deixar de nos congratular com a nação não só pela alta significação moral, que estes grandes actos de commemoração tem em si e pela influencia que poderia ter na futura educação do povo, mas tambem pela consideração e honra que nos alcançam perante o mundo civilisado, affirmando a nossa potente vitalidade, rejuvenescencia e sentimento profundo de independencia.



VASCO DA GAMA (Composição original de M. de Macedo)

DUQUE DE CAXIAS

Quem olha para o retrato do venerando marechal que succumbiu ha pouco, de idade de setenta e sete annos, no Brazil, encontra-lhe não sei que vaga semelhança com o duque de Saldanha. Não tinha o general brasileiro a varonil formosura do vencedor de Almoater, mas tinha o mesmo aspecto militar, o mesmo olhar expressivo em que transluziam a um tempo a energia e a bondade. Lendo-se a sua biographia torna-se mais notavel a semelhança. Adorado pelos soldados, o duque de Caxias foi tambem o mais habil general do Brazil, o mais profundo conhecedor dos segredos da arte da guerra; por isso desde que chegou á idade varonil, acha se enlaçado o seu nome com o de todas as victorias brasileiras. O governo imperial teve sempre na sua espada o mais firme sustentaculo, e, se o partido democratico de certo o não pode considerar como um dos seus membros, tambem nunca aproveitou contra a liberdade, que julgava inseparavel da causa monarchica, o prestigio do seu nome e a gloria da sua espada. Não analysaremos a sua politica. Perante um tumulto entre-aberto calam-se as paixões partidarias; é já tarde para a polemica, é cedo ainda para a historia. Diante das

TRASLADAÇÃO DOS RESTOS DE D. VASCO DA GAMA



VIDIGUEIRA — EGREJA DE NOSSA SENHORA DAS RELIQUIAS (Desenho do natural por I. Newton)

cinzas de um homem publico só é possível o silencio ou a apothese. Como o sol quando se inclina ao occaso, a memoria do heroe que succumbe até as proprias nuvens doira com os seus ultimos raios.

O duque de Caxias foi sobretudo um grande general; a sua reputação estrategica não tem adversarios. A elle deve o Brazil os seus melhores triumphos, a sua gloria e a sua unidade. Foi elle que empunhou durante muitos annos a espada brasileira, foi nas suas mãos que tremulou o estandarte auri-verde, ou quando se hasteou nas ameias das fortalezas inimigas rendidas, ou quando se impoz ás provincias revoltadas. Os proprios adversarios da sua politica não podem esquecer que rara será a victoria brasileira a que o nome do duque de Caxias não ande associado. Por isso a sua morte foi um lucto nacional; por isso tambem os estrangeiros se inclinam reverentes perante o seu tumulo, como perante a sepultura de um d'esses homens, que pelo talento e pelo heroismo se mostraram superiores ao vulgo da humanidade.

Nasceu em 1803 o duque de Caxias. Nasceu no Brazil, mas a sua familia era oriunda de Portugal, de Lagos, essa heroica cidade a quem Portugal deve quasi todos os intrepidos inicia-



VIDIGUEIRA — CAPELLA-MÓR DA EGREJA DE NOSSA SENHORA DAS RELIQUIAS (Desenho do natural por I. Newton)



S. RAPHAEL — IMAGEM PERTENCENTE AO NAVIO S. RAPHAEL QUE FEZ A PRIMEIRA VIAGEM Á INDIA — segundo a tradição (Desenho do natural por I. Newton)

dores das suas gloriosas descobertas. Tinha 28 annos apenas quando indicava ao imperador D. Pedro I o meio de soffocar a revolução que lhe ia arrancar o throno. Mostrava desde logo a sua intrepidez militar e o seu amor pelos principios conservadores. Em 1841 pacificava o Maranhão revoltado, em 1842 subjugava as rebeliões de S. Paulo e de Minas, em 1845 soffocava a mais terrivel das revoluções republicanas que ameaçaram a unidade monarchica do Brazil; n'essas luctas fratricidas revelou a um tempo o futuro duque as suas qualidades de general e a moderação de pacificador. Os loiros das batalhas de Santa Luzia e de Ponche Verde não foram manchados com essas execuções que deslustram na modernissima Europa os triumphos dos Pavias e dos Mac-Mahons. Terminada a lucta, apaziguaram-se as paixões, e dois generaes contrarios, Caxias e Canavarro, achavam-se d'ahi a pouco pelejando á sombra da mesma bandeira, a bandeira da patria, contra a tyrannia de Rosas, um d'esses cesares ephemeros e sanguinarios que brotam a cada instante da lama diluida em sangue, que referve constantemente na perenne agitação demagogica das republicas americano-hespanholas. Quando o Brazil estremeceu pela primeira vez com o legitimo orgulho do seu papel predominante na America do sul, teve nos seus gritos de entusiasmo de saudar com frenesi o nome do duque de Caxias. Foi elle que dirigio a campanha contra Rosas. Tudo lhe devera o Brazil. Ao pacificador do Maranhão, de S. Paulo, de Minas e do Rio Grande do Sul devia o vasto imperio a sua unidade potente, que lhe ia dar o direito e a força de exterminar as tyrannias insolentes dos pequenos ditadores visinhos; ao duque de Caxias ainda devia o seu triumpho.

Fôra elle quem conseguira que em torno da bandeira, em que parece fundir-se com o oiro das antigas minas o verde das sempre renovadas florestas, se congregassem todos os elementos brazileiros, era elle quem á frente d'esse exercito, em que se juntavam esses diversos elementos, derrotára o audacioso tyrannete que tivera comtudo energia bastante para affrontar intrepidamente a França e a Inglaterra.

Chamado por varias vezes ao ministerio, o duque de Caxias geriu a pasta da guerra, e cuidou da organização d'esse exercito brazileiro, que devia depois operar verdadeiros prodigios nas campanhas do Paraguay.

Surgira um outro Rosas n'essa republica, e o Brazil entendeu que devia soffocar essa nova tyrannia. A campanha foi rude e difficil. Não a dirigio ao principio o eminente general, mas em fevereiro de 1867 tomava o commando, e sentiu-se logo nas operações a influencia da sua caracteristica energia, dos seus talentos militares, do seu conhecimento da guerra. Debaixo da sua direcção, o exercito brazileiro franqueou Curupaity, Humaytá, ganhou as brilhantes victorias de Tuyuty e de Avaahy, atravessava o Chaco e entrava em Assumpção a capital do Paraguay. Sem quereremos de modo algum diminuir o merecimento dos que dirigiram a segunda parte d'esta admiravel campanha, sem desconhecermos que em guerras d'esta especie a occupação da capital do inimigo não é uma solução definitiva, é apenas, como se diria no jogo do xadrez, um xeque, que póde não ser xeque mate, haja vista a guerra peninsular por exemplo em que os francezes occuparam sempre Madrid sem adiantarem com isso muito a conquista de Hespanha, sem deixarmos de prestar altissima homenagem aos heroes que tomaram a seu cargo a conclusão da lucta, é certo comtudo que o duque de Caxias, quebrando o encanto que paralytava os alliados nas margens d'esse terrivel rio, semeado de difficuldades que pareciam insuperaveis, hasteando a bandeira brazileira nos muros de Assumpção vencida, prestou á causa do imperio o mais relevante de todos os serviços, e illuminou a sua velhice com uma gloria tão brilhante, como a que doirá nos campos de Mouron os dias florentes da sua idade viril.

O Brazil reconheceu-o, inclinando-se agora commovido e reverente diante do tumulo que encerra o heroe de cem batalhas. Percebeu que o duque de Caxias symbolisava, mais do que ninguem, as suas glorias militares, que o vencedor de Rosas e o vencedor de Lopez havia de resplandecer no futuro como o condestavel do Brazil, como o general, que n'estas luctas sangrentas em que a civilização e a liberdade se embatem nos campos do novo mundo com as resistencias do despotismo e da barbarie, empunhava o estoque erguido da patria, como o empunham simbolicamente os condestaveis do velho mundo nas ceremonias pacificas da vida normal das nações. E nós, estrangeiros pelas demarcações geographicas e politicas, mas irmãos, pelo sangue e pelas tradições, da intrepida nação brazileira, saudamos, com profunda commoção, o heroico velho que desceu ao tumulo, em cujas

veias girou o sangue generoso dos nossos velhos descobridores, e cuja espada gloriosa foi, nas guerras civis, o sustentaculo da unidade brazileira, quer dizer da unidade americana da raça portugueza, e, nas guerras estrangeiras, a defensora da causa da civilização e da liberdade contra as tyrannias barbaras dos Rosas e dos Lopez, herdeiros a um tempo das tradições selvagens dos caeiques americanos e das barbaras tradições dos inquisidores hespanhoes. A espada do duque de Caxias, como a espada de Grant ou de Sherman, deu a um tempo á sua patria uma potente unidade, e á civilização da America um glorioso triumpho.

PINHEIRO CHAGAS.

THACKERAY EM LISBOA

II

O pó — Os passeios em Lisboa e os parques de Londres
As traquitanas — Um cartaz dos touros

De S. Roque para uns jardins pequenos e muito empoeirados o guia o encaminhou. A circumstancia de se ver de lá uma grande parte da arida e triste cidade de marmore, muitas igrejas elevadas, como atraz dissemos, e ainda a proximidade a que está de S. Roque o passeio de S. Pedro de Alcantara, conspiram em persuadir-nos que a este, e não a outro, alludiu o chistoso viajante. Não havia fumo, como em Londres, mas unicamente pó; cobertas de pó as arvores e as flores, as casas e as ruas; tudo pó — *only dust*. Grandemente se lastima Thackeray, e com razão, de tanta poeirada, não só do grande calor que fazia. Foi elle, ha quasi trinta e seis annos, o ignorado precursor do esclarecido noticiario portuguez, que tem glorificado em cruciante martyrio o nome respeitavel do sr. Albuquerque, do *Jornal do Commercio*, mais o do sr. Rosa Araujo, ambos commendadores e alternadamente presidentes do municipio, por não mandarem regar a todas as horas do dia e da noite a rua dos Algebos, o Aterro, o Rocio e a Bitesga. Não fallo no Chiado, porque um jornal de hoje diz que «a rega municipal é só para o Chiado e ruas adjacentes; o resto da cidade fica affogado em pó sem que haja uma gota de agua para abafal-o.» (*Commercio de Portugal*, n.º 250, de 24 de abril). Thackeray foi tambem, sem o saber, o orgão mais independente e consciencioso dos senhores logistas e caixeiros, mas, talvez, por isso mesmo ninguem ouviu tocar este orgão. É sabido que elles todos os annos abalam os ares com suas tristes queixas a respeito de que a poeira a uns deteriora as *confeccões*, e a outros emporcalha os bigodes encalamistrados e agudos com settas que traspassam o coração virginal de tanta donzella pudibunda, a qual, por noite estiva, sóe descantar ao piano as ternas melodias do *Trovador*, e não raro vae n'um pulo á janella do occidente fallar para a rua aos ditos senhores logistas e aos ditos senhores caixeiros.

As pessoas que estavam em S. Pedro de Alcantara — diz elle com muita graça — fingiam deliciar-se com a verdura do passeio: — *the people make believe to enjoy the verdure*. Mais este, ainda hoje, enquanto a mim, é o melhor passeio publico da cidade. Aquellas altas e frontentes arvores dão sombra; é soberbo o panorama que os olhos d'alli relanceiam; vê-se campo e ceu; respira-se livremente. Todavia, é muito acanhado, muito pequeno para uma capital.

Entrar nos parques de Londres é estar verdadeiramente no campo. Annosos e copados arvoredos, extensos prados, grandes lagos, e até vacas e carneiros, a natureza sem artificios — eis o que lá se vê. Um auctor francez que sobre este assumpto discorreu mui propicientemente nota que os inglezes são apaixonados pelo campo, onde passeiam bastas vezes de cavallo e a pé, porque o temperamento athletico do homem do norte precisa muito de exercicio e de ar livre.¹

¹ Taine, *L'Angleterre*, c. 1

A repugnancia em ir admirar os leões e visitar os monumentos, egrejas e palacios, é uma idéa fecunda para Thackeray. Mais util e muito mais instructivo do que seguir essa vulgar superstição escreve este romancista philosopho que é o estar encostado a uma esquina, como o pobre que esmola nas ruas, e observar as maneiras, os costumes, o trato, a vida positiva de todos os dias. Parece-lhe que d'este modo um estrangeiro poderá formar juizo mais exacto do paiz em que se achar, e, pondo a doutrina em acção, vai caminhando e observando ao mesmo tempo. Do que vê, se não faz chronica, lança ao menos na carteira um apontamento ou, antes, um ligeiro esboceto. Nem cuide alguém que isto é metaphora ou comparação: sabia desenho o nosso viajante e illuminou algumas de suas obras, como os frades da meia idade.

Vejamos o que elle examinou do observatorio das esquinas.

Paredes emplastradas com os cartazes dos touros que deviam correr-se no dia seguinte; — um numero verdadeiramente innumeravel de machos quasi todos muito luzidios e muito bons, pastando tranquillamente em todas as ruas da cidade; — uns caixeiros de jaqueta branca a fumar com todo o seu descanso nos armazens ao rez do chão das casas, que parecia o logar mais fresco de todas ellas; — e, pela tarde adiante, algumas familias baluçando entre as altas rodas d'essas carruagens pequenas e extravagantes que desde muitos annos aqui se usaram, tiradas por bonitas parellhas de machos; e, aqui e allí, um ou outro casquilho curveteando em seu formoso andaluz.

D'esta curiosa pagina arrancada ao album que estamos folheando ha que aproveitar, primeiramente, a traquitana, bosquejada com tal perfeição que até nos parece estar vendo as damas da cõrte ás cabeçadas dentro d'aquella arca de Noé, e ainda um breve commentario acerca dos touros que ahí vai já, antes que esqueça. Prevenindo o leitor de que se não trata aqui da verdadeira tauromachia de Hespanha (*a real Spanish tauromachy*) o illustre escriptor diz que essa diversão, como aqui se faz, é simplesmente uma representação theatral do combate, tal qual o que todos podem ver n'uma gravura — nada mais. Um homem a cavallo galopando tres milhas por hora, e o touro embolado aos pulos atraz d'elle.

Isto foi o que por enquanto lhe deu o espectáculo das ruas, cuja philosophia elle guardou para si e para dar a quem a entende, seguindo o preceito latino: *Qui legit, intelligat*. Mas não acabou aqui: vamos ter mais e melhor.

III

A estrada de Belem — Thackeray e a sr.^a Rattazzi
Os coches de estado

Que o nosso immortal Garrett, quando ia, alegre e descuidoso, á prõa do ronceiro vapor de Villa Nova, a fumar e a conversar com alguns amigos entre a malta de varinos que voltava para a terra e o grupo dos campinos que tinham ainda na vespera agarrado os touros na praça do Campo de Sant'Anna, entre si julgasse e, até, pozesse em escriptura que Lisboa oriental, vista de fóra, é a mais bella e mais grandiosa parte da cidade — não serei eu que o negue. Mas para quem vae por terra, como tambem ponderou o illustre mestre, o caso muda muito de figura, e a saída de Lisboa pela estrada de Belem é de todas sem duvida a mais encantadora. Basta abrir os olhos e ver este sol brilhante; este formoso azul do céu, tão puro e tão diaphano; a larga fita resplandecente do Tejo; a vista magestosa da barra; os palacios, as quintas, os jardins; e finalmente a soberba igreja dos Jeronymos e a torre solitaria do Restello, ambas retinetas d'aquella suave cõr amarelenta que as faz parecer queimadas pelo halito dos seculos, a dizer-nos perennemente que um dia fomos grandes, que atravessámos os mares, que devassámos os segredos do Oriente e passámos ainda além da Taprobana!

Foi por essa estrada fóra que, depois de sair de S. Pedro de Alcântara, tomou o espirotooso romancista inglez, o qual adverte a futuros viajantes que dar um passeio de carro até Belem é o que ordinariamente fazem os que pouco tempo se demoram aqui. Rodaram, portanto, duas carruagens para levarem Thackeray e os seus companheiros de viagem. Por signal que uma d'ellas tinha quatro logares, e outro na almofada, onde William Thackeray se empoeirou, talvez para desfructar tudo muito á sua vontade.

O observatorio philosophico (não sei se deva dizer, com mais propriedade, *sociologico*) que já se experimentara pregado contra uma esquinha vae agora exercitar-se em cima de um vehiculo ambulante. Veremos o que sae d'alli,

Em primeiro logar Thackeray não diz estrada de Belem, chama-lhe *rua comprida e alegre*. Quer-me parecer que não diz uma tolice: um caminho em grande parte cheio de casas de um e outro lado é propriamente uma rua; comprida, de certo é; alegre, muito.

E por essa extensa rua adiante foi vendo tudo isto do observatorio.

Infinitas réguas de machos; — milhares de gallegos, uns com barris de agua aos hombros, outros parados ao pé dos chafarizes á espera de serem chamados para irem aviar algum recado; — os *omnibus*, para cá e para lá, puxados por dois tiros de muars, a trote regular; — os homens trigueiros e vestidos com apuro, muito apessoados e bem parecidos, não podendo elle, com bastante mágoa sua, dizer outro tanto das senhoras entre as quaes os seus companheiros não viram uma só cara bonita, apesar de seus bons desejos ou mais alguma coisa do que isso, *muita anciedade*: o texto diz — *every anxiety to do so*. Esta opinião é a mesma da senhora Rattazzi, sem tirar nem pôr: — *homens bonitos, mulheres feias* — havendo só a notar a differença do sexo dos dois escriptores, circumstancia que podia influir muito nos motivos d'essa apreciação, e tambem que a princeza linguareira veio mais de uma vez a Portugal, onde permaneceu por espaço de alguns mezes, ao passo que Thackeray nem chegou a estar aqui doze horas, e poderia, talvez, allegar em seu favor que todo o santo dia, muito contra seu gosto, o fizeram andar aos trambalhões de uma banda para a outra, a visitar monumentos e palacios, a admirar os *leões*. De sorte que não teve tempo nem vagar para ver as *leões*, que tambem as ha em Lisboa. . . Oh! se ha!

Para o nosso viajante o principal atractivo da estrada de Belem foi o seu movimento commercial e um certo ar de conforto que o mais esclarecido architecto de córte nunca sabe dar ás suas obras. E por isso lhe pareceu que este suburbio de Lisboa tinha uma apparencia, embora menos regular, mais viva, mais animada e mais alegre do que os bairros grandiosos da cidade. É muito justa esta observação.

Pararam subitamente as carruagens dos *touristes* defronte de uma porta encimada pelas armas reaes. Entraram. Estavam na arrecadação dos coches de estado. Raro se lhe deparou espectáculo em toda a sua vida, diz Thackeray, que possa comparar-se com este museu de carroças do seculo passado, que ali jazem n'uma especie de limbo, velhas, douradas, enormes, holorentas e tombadas. Lembram-lhe as mitras dos prelados, as cabelleiras empoadas e as pansas dos marechaes que, em tempos que já lá vão, fizeram grande figura nas suas almofadas. Reparando no seu estado achou-as consideravelmente deterioradas: a acção do tempo lambrará o oiro assim das rodas como dos paineis dos coches e o velludo, já muito safado, era horripilante. O guarda d'essas defunctas carruagens (*defunct old carriages*) quiz pregar-lhe uma patranha monstruosa, apontando para uma d'ellas que, segundo o seu calendario, tinha nada menos que seis seculos!

Mas o celebre escriptor, pelo que se lhe enxerga das palavras, sorriu-se, entre ironico e benigno, ponderando que bastaria lançar-lhe os olhos qualquer entendedor de *bric-à-brac* para conhecer immediatamente que havia sido

fabricada em Paris no tempo do Regente. Talvez rastreasse a verdade, talvez estivesse em erro, conforme a carruagem fosse alguma das do tempo do nosso beato Luiz XIV, ou outra de mais antiga data. O certo é que Thackeray, caindo de chofre n'essa vasta necrópole da ridicula etiqueta, mostrou bem que em nenhum a maneira lhe era estranha a philosophia do seculo XIX. «Ha gente que suspira — observa o nosso auctor — pelas glorias do passado, enquanto outros, considerando antes nas falsidades e embustes, no vicio e na baixeza, que rolaram paramentados, fulgurantes e anichados, n'essas velhas carroças de Juggernaut, com muitas reverencias dos tolos que se lhes metiam debaixo das rodas, consolam-se da ruina d'essas construcções que poderiam ter sido magnificas e assaz dispendiosas, mas eram pesadas, grosseiras, vagarosas e improprias para uso quotidiano.»

É mui curioso este assumpto. Versaram-no pacientemente o abade de Castro e o erudito Innocencio. Dispense-me, todavia, o leitor benevolo de os consultar agora. . . Prefiro continuar a ler o Thackeray.

(Continúa)

ALBERTO TELLES.

BIBLIOGRAPHIA

Recelemos e agradecemos:

GALERIA DE VARÕES ILLUSTRES, LUIZ DE CAMÕES, por José Maria Latino Coelho. Editor David Corazzi. — E' o primeiro volume da galeria que se propõe a publicar o erudito academico e stylistista eminente, no intento de honrar aquelles que souberam engrandecer a patria e engrandecer o nome portuguez, pela heroicidade das suas acções ou pelo esplendor do seu genio.

Ninguem mais competente do que o sr. Latino Coelho para estas solemnisacões patrioticas. No seu estylo ha a sonoridade dos grandes hymnos, as vibrações dos grandes instrumentes. O livro que n'este momento temos presente, vindo juntar a sua orchestração magica aos canticos com que a nação acaba de saudar o cantor das suas glorias, deixa assignaladas as festas do tricentenario por mais um monumento duradouro que servirá para entreter na alma portugueza a chamma sagrada que acaba de illuminar os espiritos. O livro do sr. Latino Coelho vale pela erudição, pela linguagem, pela investigação, e pelo ensinamento. Não merece que se recomende; merece unicamente que o saudemos.

CAMÕES, pelo Visconde d'Almeida Garrett, prefaciado por Camillo Castello Branco. Setima edição. Livraria de Ernesto Chardron, Porto. — O que vale a obra sabem-n'o todos. O que representa o juizo do mestre que hoje a prefacia poucos o ignoram, por ventura, n'este momento. O que nós temos a recomendar, depois de a admirar, é a belleza artistica da edição. Linda na verdade! Ler os versos de Garrett n'um volume de um aspecto tão attrahente deve ser um duplo encanto! Aqui está o motivo porque esta setima edição vae abrir em breve o passo á oitava.

A PRIMEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS, por Tito de Noronha. — Este estudo acompanhado de quatro phototypias recommenda-se pelos dados bibliographicos que encerra sobre a publicação primitiva do poema, conscienciosamente estudada, e pelo valor do volume como especimen typographico. É outra obra que faz honra ás officinas do Porto. É seu editor o sr. Ernesto Chardron.

A AGONIA DE LUIZ DE CAMÕES, romance historico, traduzido por Alberto Pimentel. Edição da Empresa Literaria, Lisboa. — Este romance de Amadeu Tissot, pode não ser d'um grande valor como documento historico, entretanto, no genero de romance, tem qualidades que o tornam um livro apreciavel e digno de ser lido pelos que gostam de penetrar nos grandes assumptos por meio de leituras faceis.

¹ Cidade da India ingleza a que os indigenas chamam *Pourry*. Nas grandes festividades que alli se costumam celebrar em honra do deus *Vichnou*, cuja estatua vae dentro de um enorme carro sagrado, muitos fanaticos se lançavam outr'ora sobre as suas rodas e eram esmagados por ellas. A este sacrificio da propria vida os levava á persuasão de que, por meio d'elle, alcançariam a felicidade na vida eterna. Depois da dominação ingleza tem decido consideravelmente esta usança barbara. Vejo. o *Dic. de la Convers.* e os de *Bouillet, Larousse*, etc.)

CAMONEANA ACADEMICA — Porto. — Esta publicação é dedicada a Luiz de Camões pelos estudantes do Porto. Encerra prosa e versos, entre os quaes alguns de bastante merecimento e reveladores de bons engenheiros. É uma publicação formosa em que a intenção e o talento servidos por uma bella disposição material se reúnem para dar mais um preito á memoria d'um grande genio.

DE BUENOS AIRES A PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

As *exequias de Atahualpa*, são as exequias dos direitos naturaes dos povos que luctam por conservar as tradições dos seus antepassados, os sepulchros dos seus maiores e os berços dos seus filhos.

As *exequias de Atahualpa* contrariam as pretensões monarchicas, que ante a estrangulação do Inca por sórdido interesse, perdem o direito de arrostar a barbárie dos povos da America, que luctam pela sua independencia ou pelas suas liberdades. Porque se foi sómente a Hespanha a directamente responsavel pelos actos dos seus perfidos guerreiros, toda a Europa, como de costume, applaudiu os resultados sem cuidar da justiça da causa; ella, a Europa diplomatica, a Europa materialista, que tudo pesa na sua balança de ouro!

— En vista de la admirable obra de arte y de historia, de patriotismo y de estudio, cortou Balletto, diriase que Luis Montero hábia querido vengar á su patria de las últimas piraterias contra ella cometidas.

— Si Balletto, amigo, diriase que Luis Montero, hijo del pueblo, era el Cristo del genio que venia de Florencia, aquella Jerusalem del arte, cargado con la cruz de las ignominias de los conquistadores rapaces, para reducir á la América republicana de la afrentosa complicitad con sus caudillos, inspirándoles odio á la injusticia de la conquista, lágrimas de dolor sobre las victimas de la sed de oro y de territorios.

Dir-se-hia esse grande quadro, o *Ecce Homo* da democracia desfallecente e desangrada que os Valverdes da politica, os philosophos tartufos, esses *homens de bem* de hontem e de hoje, baptisam com os ritos da liberdade e do progresso, ao mesmo tempo que entoam o *Requiem eternam* com a tranquillidade do traficante, que tanto negocia com as coroas das virgens, como com as mortalhas dos cadaveres.

Dir-se-hia que o compatriota de Prado, d'esse homem que á severidade justiceira de Vaca de Castro, reúne a honradez de Franklin, quiz retratar na sua tela as dilapidações dos descendentes dos crioulos dos Pizarros e dos Almagros, e pôr na picota essas grandes figuras de patriotas que, como os israelitas, só se occupam em revolver todo o palmo de terra onde ha ouro. . .

— Y oro hay en toda la America! interrompen Gutierrez.

Dir-se-hia que o artista quiz cegar com as torrentes de luz que emanam da sua preciosissima tela, os olhos de Argos dos Aristarchos europeus promptos sempre a descobrir manchas de sangue no solo americano, d'esses barbaros da civilização que não ha ainda muito tempo, fulminaram pela imprensa o exterminio do Mexico; do Mexico que defende os seus lares e a honra do lábaro republicano, contra um miseravel aventureiro a quem a mythologia das côrtes chama principe e que só tinha em vista saldar as suas enormes dividas da Europa com o ouro mexicano, como o conseguiu; e isto em pleno seculo dezoenove! . . . e a essa empresa á Drake, chama-se-lhe virtude; e á defesa heroica de um povo, crime de lesa magestade contra o seu imperador!

Justiça de monarchas e de sua grei! Graças a Juarez, a essa alma de fogo, a essa consciencia republicana, a essa grande figura de que a America hespanhola necessitava para contrapor á America ingleza em frente da figura colossal de Lincoln; sem duvida mais pequena,

no cotejo, a não estar divinizada pela dupla apothese da morte e do martyrio!

A conquista estrangeira, a dilapidação e a pilhagem exercidas pelos mandatarios dos povos, a deshumanidade e a barbárie na pratica, a civilização e os principios na theoria, a mentira e a hypocrisia politica, tudo parece haver atravessado a mente do patriota peruano, que tanto ao vivo pintou aquelle mixto de palavras de paz em latim e de assassinio, cuja complicitade alcança os proprios sacerdotes; de preces ao céo pela alma barbaramente arrancada ao Inca atraído; de propaganda de uma religião que ensinavam e escarneciam ao mesmo tempo. Tanta luz derramada sobre aquellas druidicas scenas de christianismo na America, parece cousa realisada mui de proposito para apresentar, em toda a sua deformidade, os monstros famintos de ouro, e fazer ver no lago asphaltito da conquista e do salteamento de povos, como em um espelho sinistro, as doutrinas fallazes com que os governos unicos disfarçam as suas piratarías de mar e de terra, sem exceptuar as infelizes democracias do novo mundo, cujo catalogo dos *direitos do homem*, cujas liberdades publicas tantas vezes ficam reduzidas á sua ostentosa nomenclatura; sem exceptuar essas republicas sem virtudes, tão a mendo subjeitas a governantes de má fé, com o republicanismo nos labios e a traição na alma.

Mas deixemos o quadro como lição severa contra os abusos do poder e da má politica, e vamos á historia, á arte.

Os maus exemplos são contagiosos; e o procedimento de Hernan Cortez, apoderando-se no Mexico da pessoa de Moctezuma, era demasiado recente, para que o conquistador do Peru, Francisco Pizarro, não tratasse de o imitar; tanto mais que, de volta a Hespanha, ambos, tiveram allí occasião de ver-se e conferenciar antes de Pizarro haver emprehendido a sua segunda viagem ao Peru. Isto succedeu pelos annos 1531. A sua primeira viagem foi em 1526, no tempo em que reinava Huaina Capac.

Chega Pizarro a Panamá, e de accordo com Almagro, seu companheiro, que na occasião governava aquelle ponto, forma a famosa expedição composta de tres pequenos barcos, e cento e oitenta soldados, dos quaes trinta e seis eram de cavallaria.

Huaina Capac morrera em 1529 em Quito, e succedera-lhe no reinado do paiz seu filho Atahuallpa. Huascar, o primogenito, assumira o governo do resto do imperio. Os dois irmãos haviam-se declarado guerra quando a diminuta expedição de Pizarro emprehendeu a sua viagem pela costa, servindo-lhe o pedido que

Huascar lhe fez, de se alliar a elle, de meio para intrigar os dous Incas e ganhar terreno em seus dominios.

Com sessenta e dois soldados de cavallaria, cento e dois infantes e duas pequenas bocças de fogo, internam-se definitivamente nos dominios de Atahuallpa, que cedendo aos seus tramas, lhe facilita a entrada. Pizarro avança até Caxamalca e aloja-se no palacio do Inca

verde, que lhe fallou da religião catholica e dos seus mysterios. Negados estes por quem só acreditava nas tradições do culto do Sol, perguntou o indio ao *honesto* frade onde aprendera aquillo; e dizendo-lhe o *bom* do frade que o aprendera no livro que lhe apresentava, o seu breviario, o Inca chegou-o ao ouvido em ademan de escutar (ignorava o segredo da escripta sob aquella fórma), como nenhuma voz sahira do livro atirou-o ao chão com desprezo, dizendo: «Não falla!» Conjectura admiravel para quem só se propunha a achar um pretexto para coonestar o sacrificio d'aquelle desgraçado!

«As armas! gritou o impávido. A's armas! Vinguemos a religião do Crucificado que foi profanada pela mão do idolatra!

As vozes de Pizarro e de Valverde misturaram-se no sentido da matança, e esta, segundo os historiadores, foi tão aleivosa que, sem morrer nenhum dos hespanhoes (apenas Pizarro foi ferido em uma das mãos) caíram degolados milhares de indios; dispersando-se o resto logo que se viram sem chefe; pois o primeiro cuidado de Pizarro foi capturar o Inca, como, por surpresa, o conseguiu.

(Continúa).

F. D'ALMEIDA.

ERRATA

No supplemento ao n.º 59, a pag. 99, col. 3.ª, linha 48, onde se lê — dois esqueletos dentro d'uma cesta de vime — deve lêr-se — dois esqueletos que lhe foram restituídos dentro d'uma cesta de vime.



DUQUE DE CAXIAS — Fallecido no Rio de Janeiro, em 7 de Maio de 1880 (Segundo uma photographia)

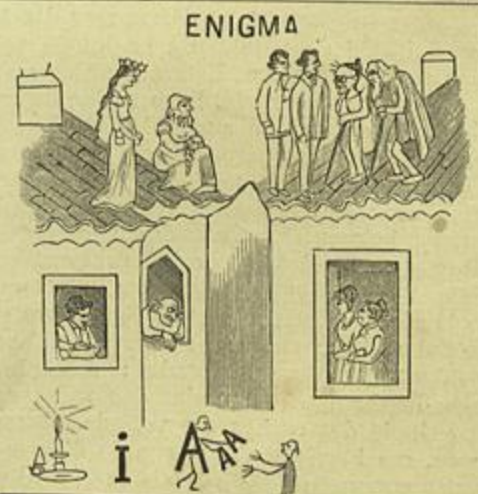
situado na grande praça em cuja extremidade opposta se ostenta o templo do Sol.

Enviados por elle em commissão junto do Inca, que se achava a uma legua de distancia, seu irmão Hernando Pizarro, e Fernando Soto, annuncia-lhes Atahuallpa para o dia seguinte a sua visita, accetando os protestos de amizade.

Este novo successo que exalta a imaginação dos aventureiros a quem o brilho do ouro, que por toda a parte encontravam, já cegara de cobiça, inspira a Pizarro o pensamento de apoderar-se de Atahuallpa, como Cortez o havia feito antes no Mexico com a pessoa de Moctezuma.

No dia seguinte dirige-se o Inca ao palacio de Caxamalca precedido de quatrocentos indios vestidos com *camisetas de librea*, na phrase de Fernando Pizarro, e conduzido aos hombros dos seus principaes cortezaes em uma especie de throno que deslumbrava pelo resplendor do ouro, da prata e das pedras preciosas; com um sequito de officialidade, que era transportada do mesmo modo, e no meio de um exercito de trinta mil homens. Era de tarde.

Quando o Inca já estava perto, o *honrado* Pizarro mandou avançar o *santo* padre Val-



Explicação do enigma do numero antecedente:

..... e assi caminha

Já mais segura do que d'antes vinha

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
Rua do Thezouro Velho, 6